

A Festa

FORÇA, DEVON! A KNOX É A MELHOR!
PRÓXIMA PARAGEM: ELIMINATÓRIAS DE ELITE!
BELSTARS SEMPRE! CAMPEÕES REGIONAIS!

As faixas de vinil oscilavam com a ventilação das saídas de ar, o restaurante efervescente de pais, o constante menear das cabeças das ginastas, a música que jorrava das pesadas colunas de som, periclitantemente assentes no parapeito das janelas.

Devon tinha penduradas três medalhas à volta do pescoço, duas de prata e uma de ouro, o seu primeiro título de campeã regional em saltos acrobáticos.

“Estou tão orgulhosa de ti, minha querida”, disse Katie num tom sussurrado ao ouvido da filha. “És capaz de tudo.”

Mais tarde, Katie viria a pensar naquela noite como a chave de tudo o que sucedeu depois, a chave secreta de tudo.

Porém, naquela altura, tratava-se unicamente de mais uma festa, uma comemoração como muitas outras, todas em honra da sua excepcional filha de quinze anos.

No espaço de seis meses, Devon viria a participar na Competição de Elite e, depois de anos de penosos esforços e de lágrimas fruto de dores incapacitantes, depois de uma dívida de vinte e cinco mil dólares em cartões de crédito e de um passo em falso na última eliminatória da competição, ser-lhe-ia concedida a honra de competir entre as Elite Sénior. A partir daí, tudo parecia possível.

Tudo brilhava: a bola de espelhos girando no teto, as chamas que tremeluziam debaixo dos recipientes com *kebabs* e *lomi-lomi*, em cima de mesas compridas com rafia nos rebordos, as velas colocadas em cascas de coco e de ananás que Katie havia ajudado a limpar com colheres de gelado.

Todos usavam uma *lei* em honra do tema polinésio escolhido pelo clube de apoiantes, e Katie foi dar com Devon a cheirar a sua, a única que era feita com orquídeas verdadeiras, roxas e verdes, tendo o treinador T. deposto o colar de flores em torno do pescoço da ginasta na altura em que esta avançava já por baixo do arco de colmo, para grande ovação geral. *Deem vivas à nossa Devon*, entoava o treinador com o seu vozeirão, *pois o futuro das BelStars depende destes ombros vigorosos!*

Nunca Katie vira a sua filha tão estonteada como nessa ocasião. Talvez fosse da noite, ou quiçá do copo de plástico com ponche misturado com rum que Eric a deixara beber, permitindo assim que a filha se libertasse, ainda que por breves instantes, dos movimentos com pinças a que se obrigava constantemente.

Drew, o filho de Katie, estava sentado a um canto na companhia de outros dois rapazes sossegados, também da quarta classe, que se entretinham a comer bananas congeladas com cobertura de chocolate, todos de cabeça baixa e de olhos voltados para as respetivas consolas de jogos. Drew estava mais calado do que o habitual, até porque já tinha levado uma reprimenda por ter entornado, ou derramado, leite com chocolate sobre os punhos da sorte de Devon, que por sinal tinham sido amaciados na perfeição.

“Já a Devon nunca fica de castigo”, disse o rapaz. “Nem quando responde mal, ou quando faz passadeira nas alturas em que deveria estar com o joelho em repouso. Nem sequer quando sai às escondidas de casa à noite.”

“Eu nunca saí às escondidas de casa”, insistira Devon.

“Estavas a sonhar”, lembrara-o Katie. Drew estava sempre a sonhar com a irmã, e não raras vezes dizia que a tinha ouvido e visto a fazer coisas que eram absolutamente impossíveis ou proibidas. *Mamã, a Devon estava em cima do telhado, a voar. Papá, a cama dela estava a arder.* Quando era pequeno, era seu hábito sonhar que ela tinha garras em vez de pés.

“Companheiro”, dissera Eric. “Deixa a tua irmã aproveitar a noite dela.”

Porém, Katie não se coibira de lhe sussurrar uma promessa: podia comer todo o bolo de coco e os *kebabs* de ananás que quisesse se se portasse bem.

Por alturas do seu segundo cocktail, sentindo a comichão que lhe faziam as pétalas de tecido, Katie havia-se já esquecido por completo do pequeno delito de Drew, inclusive deixara já de se lembrar da desagradável ocasião em que, horas antes no pavilhão, algumas filas à frente deles nas bancadas, aquele pai com cara de beterraba e boné que dizia *GymDreamz*, muito zangado com a classificação da filha, começara a gritar aquela coisa hedionda (*Devon Knox! Devon chupa c...*), e só o olhar furioso da esposa o fizera interromper a frase.

Contudo, a voz do homem chegara aos ouvidos de Eric. Katie percebera-o pela postura subitamente contraída do marido, pelo cerrar do seu maxilar.

Ela procurou-lhe a mão. Agarrou-a com firmeza.

Mas essa ocasião passara, e agora Eric encontrava-se diante de uma das mesas do banquete, ocupado a trinchar um reluzente pernil de porco, rosado como um recém-nascido.

O treinador Teddy, que na altura segurava um *mai tai* rematado com um guarda-sol em miniatura, uma visão de inusitado requinte numa mão que mais parecia uma pata de urso, fez com que Katie se afastasse um pouco consigo, confiando-lhe que estava a contar todos os segundos até às eliminatórias de julho, ocasião em que Devon viria a obter o seu estatuto de ginasta Elite Sénior e em que conquistaria finalmente a atenção de todos.

“Isto porque... repara bem”, disse o treinador. “Repara bem na nossa campeã de hoje e de sempre.”

E Katie reparou, de facto, identificando, no meio da colorida multidão, o casaco de Devon cor de papoila e azul-cobalto, com o logótipo brilhante das BelStars.

Com menos de cinco pés de altura e um corpo vigoroso e liso como uma concha. A filha não tinha ainda ancas ou peito, mas a forma como tinha transformado o seu próprio corpo nos últimos dois anos deixava Katie verdadeiramente perplexa, notando coxas que mais pareciam troncos, ombros e bíceps visivelmente apertados na camisola de alças que usava.

“Agora o mundo é dela. É teu. Teu”, disse Teddy, afundando depois os lábios em cheio nos lábios de Katie, dando-lhe um ruidoso beijo com leve sabor a rum. “Tal como te tinha prometido, Katie!”

Teria isto acontecido?

Acontecera, de facto, e fizera todo o sentido nessa noite, a sagrada consumação de tudo.

“Quem me dera ser capaz de fazer aquilo que tu fazes”, insistia Kirsten Siefert com Katie. “Gostava de fazê-lo pela Jordan. Quero que me contes tudo o que fizeste. Isto se já não for tarde de mais. Já reparaste no peito da Jordan? Por outro lado, a Tansy só tem sete anos...”

A música ressoava cada vez mais alto, e passado pouco tempo os adultos começaram a dançar, apropriando-se do alinhamento de canções marcado pelo infinito desenrolar de ritmos e gritinhos típicos da pop adolescente e da música de dança, substituído pelas canções que haviam feito as delícias desses mesmos adultos quinze anos antes, sendo que cada acorde de abertura suscitava agora um coro de vozes que gritavam *Boa e Oh, meu Deus, tu lembras-te disto?*

E houve também aquela conversa um pouco singular com Molly Chu, a vice-presidente do clube de apoiantes.

À porta da casa de banho das senhoras, com as suas calças corsário e o seu porte delicado, Molly, que raramente falava noutros assuntos que não remetessem para a ginástica ou para boleias entre amigos, aproximara-se de Katie e falara-lhe dos tempos em que era menina e a sua única ambição era ser uma majorete, à semelhança de Erica Neubauer, a rapariga mais bonita em Shelby West High.

“Tinha por hábito assistir a todos os desfiles em que ela entrava, a marchar naqueles seus botins com borlas vermelhas e a fazer rodopiar o seu bastão até ao céu”, disse Molly, soltando risinhos abafados como uma menina. “Lembro-me de ficar a olhar para ela e pensar: *Isto é tudo o que eu quero.*”

E contou também a Katie como certa vez roubara um bocado de tubo da bancada de ferramentas do pai, tendo-o pintado com *spray* prateado e enfiado uma rolha numa das extremidades. “Passava horas no pátio da frente a rodopiá-lo no ar”, disse. “À luz do Sol fazia lembrar uma girândola.”

Olhou de relance para Katie, desta feita com os olhos a encherem-se-lhe de lágrimas.

“Lembras-te desse género de vontade? O género de vontade que só a nós diz respeito, sem que isso nos faça sentir culpadas, até porque nem nos seria possível sentir tal coisa?”

Katie fez sinal com a cabeça uma e outra vez, mostrando o seu assentimento, e fê-lo porque havia muito de verdadeiro nas palavras da

sua interlocutora, embora não fosse capaz de dizer exatamente aquilo que ambicionara nesses termos. Ainda assim, havia algo. Olhando em redor, perguntou-se a si mesma, *Seria isso?*

Diante delas, um grupo de meninas da mais tenra idade, ainda vestidas com os seus fatos de malha justa (nunca tinham vontade de os despir), começaram a dançar juntas em círculo, com os queixos erguidos e os rostos cor-de-rosa como bolas de gelado.

“Na idade delas somos livres”, disse Molly, sem desviar os olhos das raparigas, mantendo a cabeça para baixo e piscando muito os olhos. “Uma liberdade que não volta mais.”

“O quê?”, disse Katie, pois já tinha perdido o fio condutor da conversa, isto se chegara de facto a segui-lo. “O quê?”

Porém, a música sobrepusera-se às suas vozes, e depois foi a vez de alguém lhes estender uma bandeja cheia de *shots* flamejantes.

Passado algum tempo, Katie deu por si a dançar com Eric (algo que já não acontecia há anos, pelo menos desde aquela noite em que os dois tinham entrado sorrateiramente no bar do hotel depois de um evento do *TOPs*¹, quando Devon e Drew estavam já a dormir no andar de cima, e tinham podido escutar uma cantora que inexplicavelmente trauteava a meia-voz uma versão de “Smells Like Teen Spirit” no salão do hotel.

Eric fora sempre um dançarino formidável, e tanto a competição como o ambiente encantador da velha sala de refeições iluminada contribuíam para inspirá-lo ainda mais, emprestando renovada delicadeza ao seu sorriso e ao deslizar dos dedos, ao mesmo tempo que mantinha o braço firme em torno dela. E não é verdade que todos naquela sala reparavam neles?

Sobreveio-lhe então um pensamento, que se imiscuiu entre outros atordoados pelo rum: *Nunca o amor dele por mim foi maior do que agora. Por causa da Devon. Por causa da Devon. Devo alguma coisa à Devon.*

Contudo, estavam já a trocar de parceiros, e Molly, que mais tarde acabaria por adormecer dentro do carro errado, foi a menear-se toda na direção de Eric e enlaçou-o, ao passo que Katie, que de qualquer modo já se sentia cansada, foi a caminhar a passo lento até à casa de banho das senhoras à procura de Devon e de Drew.

Ao regressar, deparou com o treinador T. a fazer rodopiar Tina, a sua esposa, no ar, e na sua camisa branca antes imaculada havia agora uma nódoa de marasquino.